

SIMON SCARROW

A HONRA DE ROMA

TRADUÇÃO DE JORGE COLAÇO



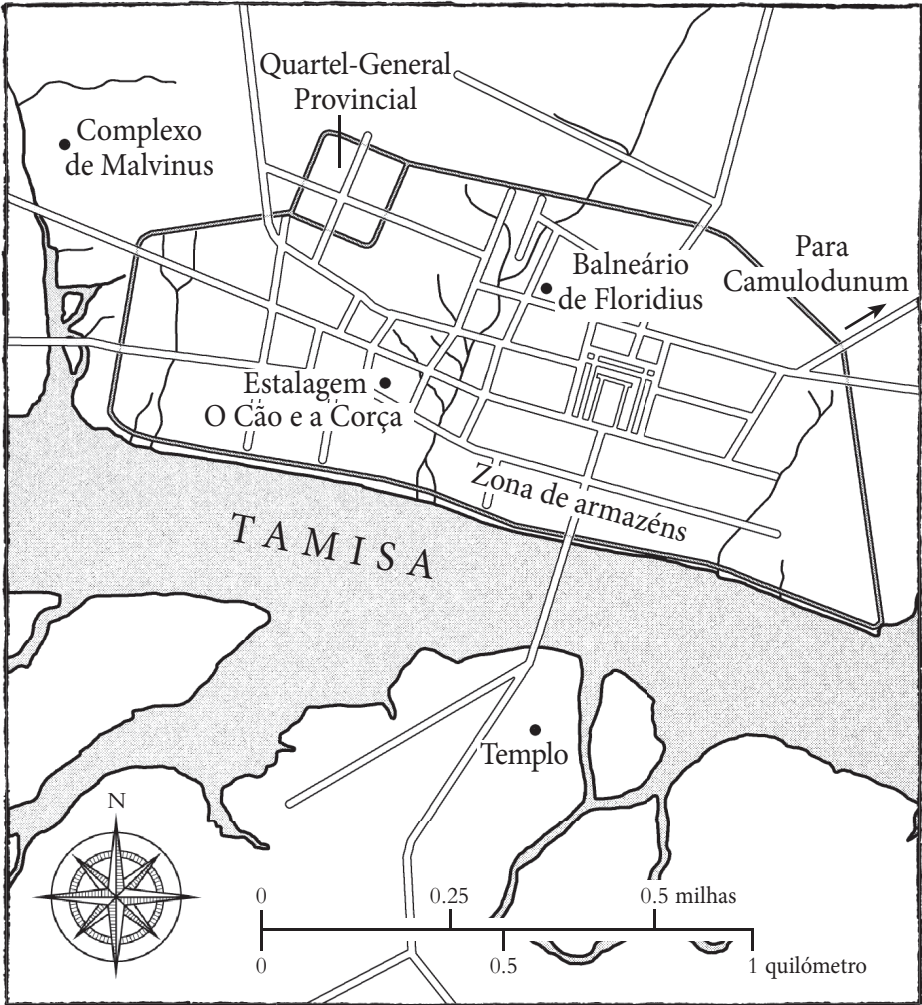
SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

A Jonathan Mills, que me ensinou História
e me inspirou um amor pelo tema desde então.

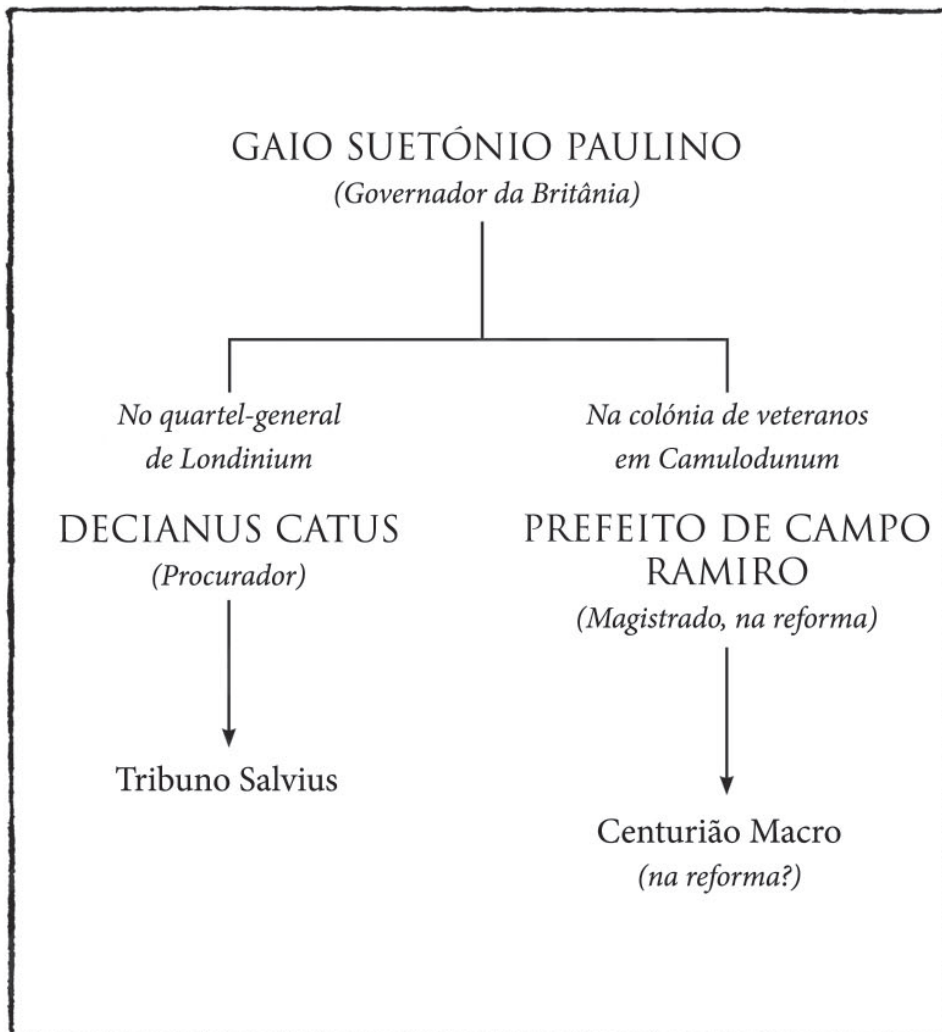
SUDESTE DA BRITÂNIA 59 D.C.



LONDINIUM 59 D.C.



CADEIA DE COMANDO, BRITÂNIA 59 D.C.



LISTA DE PERSONAGENS

Centurião Macro: Um herói de Roma que anseia por uma reforma tranquila na Britânia, ou assim pensa...

Petronella: Mulher de Macro, que anseia pelo mesmo

A tripulação do cargueiro *Golfinho*

Androclus, Hydrax, Barco, Lemulus: Uma tripulação nervosa a navegar por águas turbulentas...

Parvus: Grumete com um coração de leão

Na estalagem *O Cão e a Corça*

Pórcia: Mãe e sócia de Macro. Uma empreendedora com garra...

Denubius: O seu homem dos sete ofícios, e algo mais do que isso

No Quartel-General em Londinium

Tribuno Salvius: Um jovem aristocrata que anseia voltar para Roma

Procurador Decianus: Um burocrata perverso enviado de castigo para a Britânia

Governador Paulino: Um homem ambicioso que procura construir a sua reputação concluindo a pacificação da Britânia

Os Bandos de Londinium

Malvinus: Líder dos “Escorpiões” e um homem cujas ofertas é perigoso recusar

Pansa: O seu lugar-tenente

Cinna: Líder dos “Lâminas”, tem a ambição de tornar o seu bando o mais poderoso da cidade

Naso: Um “Lâmina” com alguma maldade no sangue

Na Colônia de Veteranos de Camulodunum

Ramiro: Prefeito reformado, que anseia afogar tranquilamente a reforma na bebida

Cordua: Mulher de Ramiro

Tibulo: Oficial responsável por um posto isolado não longe de Camulodunum

Laenas, Herennius, Ancus, Vibenius: Veteranos reformados, desejosos de entrar em ação uma última vez

Cardominus: Um guia nativo que não se dá bem com os nativos

Mabodugnus: Ancião que é o chefe dos Trinovantes

Realeza dos Icenos

Prasutagus: Rei dos Icenos, mas penosamente afligido por uma doença terminal

Boudica: Mulher de Prasutagus e uma feroz defensora dos interesses da sua tribo

Visitantes vindos de Roma

Prefeito Cato: O melhor amigo do centurião Macro. Um soldado com muitos feitos sem autorização para estar na Britânia

Cláudia Acte: Amante de Cato e antiga concubina do Imperador Nero, que julga que ela morreu no exílio

Lúcio: Filho de Cato e da sua defunta esposa

Cássio: Um rafeiro de aspeto feroz e com um apetite devorador

E também

Caio Torbulo: Chefe de um bando de estivadores com olho para o negócio

Camillus: Um estalajadeiro na estrada entre Londinium e Camulodunum

Graco: Proprietário de uma oficina de curtumes em Londinium, que anda a ser esfolado pelos bandos

1

Rio Tamisa, Britânia, janeiro de 59 d.C.

— **A**proxima-se um barco — disse o centurião Macro, apontando ao longo do rio. A brisa fria sacudia-lhe os caracóis já grisalhos acima da testa enquanto observava a água com os olhos semicerrados. Os outros no convés do *Golfinho* viraram-se para ver uma pequena embarcação impelida por quatro remadores, enquanto outros três homens se sentavam à popa e um outro se perfilava à proa, agarrando um cabo para não cair. Acabara de dobrar uma curva no Tamisa, a não mais de um quarto de milha de distância, e aproximava-se velozmente. Macro calculou rapidamente que em breve alcançaria o vagaroso navio mercante que o transportava a si e à sua mulher rio acima até Londinium. Embora os homens não envergassem qualquer armadura e Macro não conseguisse ver quaisquer lanças ou outras armas, havia alguma coisa na sua atitude que lhe provocou um formigueiro cauteloso na base da nuca.

— Corremos perigo?

Ele virou-se para a sua esposa, Petronella, uma mulher de complexão pesada com um rosto oval orlado de cabelo negro, e que era apenas um pouco mais baixa do que Macro. Estavam juntos já há alguns anos e ela sabia que, embora Macro tivesse deixado o exército, tinha os sentidos apurados de modo a detetar qualquer potencial ameaça.

— Duvido, mas mais vale prevenir do que remediar, hein?

Deixou Petronella a observar o barco que se aproximava e dirigiu-se ao capitão do navio mercante em tom casual.

— Uma palavra, Androclus.

O capitão captou a expressão de aviso no olhar de Macro e seguiu-o para a ré onde estava a bagagem, coberta por uma pele de cabra. Macro dobrou a cobertura para trás e abriu o ferrolho da arca que continha o seu material. Metendo a mão lá dentro, procurou o cinturão e a espada e depois afivelou-o rapidamente, ajustando-o de forma a que o cabo da espada assentasse no local habitual, contra a anca. Passou um cinturão e espada suplentes a Androclus.

— Põe-no.

O capitão hesitou e lançou um olhar ao barco em aproximação.

— Parecem bastante inofensivos. As armas são realmente necessárias?

— Esperemos que não. Mas a experiência diz-me que é melhor tê-las à mão e não precisar delas do que não as ter à mão e precisar.

Androculus demorou um pouco a digerir o comentário antes de pegar no cinto e de o apertar apressadamente em volta das ancas estreitas.

— E agora?

— Vamos ver o que fazem.

Um sol fraco brilhou através do céu carregado, iluminando, com uma luz desoladora, o rio e a paisagem baça e sombria de ambas as margens. O som dos remos a chapinhar na água percorria a superfície até chegar aos que estavam a bordo do navio mercante. O barco manteve o rumo e passou a menos de dez metros da embarcação maior, e Macro viu o homem à proa a esquadrihar o convés, revistando rapidamente com o olhar toda a carga visível antes de se deter em Macro e Androculus. Como os outros, usava capa, e o seu cabelo estava atado atrás com uma tira de couro.

Macro aclarou a voz e cuspiu sobre a amurada ao mesmo tempo que levantava a mão numa saudação, certificando-se de que a sua capa se abria o suficiente para que os que estavam a bordo do outro barco vissem o punho da sua espada a projetar-se da bainha.

— Salve, amigos. Está uma tarde fria para andar aqui pelo rio, hein?

O homem à proa assentiu e sorriu ao mesmo tempo que murmurava uma ordem no dialeto nativo para os companheiros. Os remadores fizeram uma pausa e a embarcação começou a abrandar imediatamente.

— *Aye*, bastante frio. — Mudou para um latim com um sotaque cerrado. — Vão para a cidade?

— Vamos — replicou Androculus. — E vocês?

O homem gesticulou rio acima.

— Uma aldeia de pescadores a um par de milhas nessa direção. Estamos ansiosos pelo jantar. Que o deus do rio vos mantenha seguros.

Levou um dedo à testa em sinal de despedida e depois falou novamente em dialeto para os homens dos remos. Eles retomaram o esforço e a embarcação rasa deu um solavanco para diante e continuou a subir o rio, deixando um redemoinho de água no seu rasto.

Androculus soltou um suspiro de alívio.

— Parece que afinal não há razão para preocupações.

Macro observou o barco a afastar-se, aproximando-se da curva seguinte

do rio. A névoa começava a espalhar-se desde os canaviais ao longo da margem, e o barco desapareceu de vista antes mesmo de ter alcançado a curva.

— Não tenho assim tanta certeza. Que razão imaginas que eles têm para andar aqui no rio numa tarde fria de inverno?

— Como posso eu saber? Alguns poderiam fazer a mesma pergunta acerca de um capitão que resolve fazer a travessia desde a Gália nesta época do ano.

Macro refletiu um momento.

— Aquela aldeia que ele referiu. Tens conhecimento dela?

Androclus abanou a cabeça.

— Existem várias ao longo do rio, mas nenhuma tão perto como ele diz.

— Tens a certeza?

O capitão pareceu ofendido.

— Tenho praticado o meu comércio entre Londinium e Gesoriaco ao longo dos últimos cinco anos. Conheço o Tamisa como a palma da minha mão. Estou a dizer-lhe, centurião, a aldeia mais próxima fica pelo menos a dez milhas de distância. Dito isto, poderá haver algum povoado no final de qualquer dos ribeiros que desaguam no rio. Mas nenhum de que tenha conhecimento. — Virou-se para olhar na direção que o barco tinha tomado. — Pode ser que tenha razão. Não gosto do ar daqueles tipos.

— Não me digas — disse Macro com uma fungadela. — Acho que podemos estar metidos em sarilhos. Creio que não é seguro pararmos durante a noite.

— Navegar à noite? — Androclus abanou a cabeça. — Nem pensar.

— Disseste que conheces o rio.

— À luz do dia, sim.

— Continua a ser o mesmo rio à noite — contrapôs Macro. — Confio plenamente de que serás capaz de guiar o navio até ficarmos a uma distância segura daqueles homens. Qual é a pior coisa que pode acontecer? Se encaharmos, isso só significa que teremos de esperar que a maré suba e nos ponha novamente a flutuar.

— Se formos contra um banco de lama, seja a que velocidade for, o impacto poderia fazer tombar o mastro.

— Então vai devagar. Mesmo que percas o mastro, é melhor do que perderes o navio, a carga, a tripulação, os passageiros e a tua vida para um bando de piratas do rio.

O capitão esfregou o queixo.

— Se põe as coisas desse modo...

— É exatamente desse modo que estou a pôr as coisas. Vamos continuar a navegar.

Macro virou-se e voltou pelo mesmo caminho que antes fizera ao longo do convés até onde estava a sua mulher. Dirigiu-lhe um sorriso tranquilizador.

— Esta noite não vamos atracar na margem do rio.

— Porquê? Por causa daqueles homens? — disse Petronella, astuciosamente.

Ele assentiu.

— Só para jogar pelo seguro.

— Eles são perigosos?

— É melhor não ficarmos à espera de descobrir. — Interrompeu-se para pensar um pouco e bradou para Androcus: — Tu e a tua rapaziada têm algumas armas?

— Uns machados, facas e as cavilhas de amarração.

— E armaduras?

— Somos marinheiros, centurião, não soldados. Porque haveríamos de ter armaduras?

— Bem visto — reconheceu Macro. — Certifica-te só de que os teus homens estão armados, e mantém os olhos abertos quando nos pusermos novamente em movimento. Se formos atacados, será uma luta de morte. Os piratas não vão querer deixar nenhuma testemunha viva. Não haverá tréguas. Compreendes? — Olhou para a tripulação em redor para se assegurar de que se tinham apercebido da gravidade da situação.

— E eu? — perguntou Petronella.

Macro fitou-a, pensativamente. Ela poderia ser mulher, mas desde que se tinham conhecido, ele vira-a arrumar bastantes homens com um sólido soco. Era tão feroz e formidável numa luta como alguns homens que ele conhecera. Beijou-a na face.

— Tenta só não matar demasiados dos nossos na escuridão, hein?

Enquanto o Sol de inverno declinava em direção ao horizonte, a tripulação e os passageiros mantiveram-se vigilantes em relação a quaisquer sinais de perigo em ambas as margens cobertas de canaviais.

— Renunciámos a uma vida de conforto em Roma para isto? — Petronella indicou a paisagem nua com um gesto. O Tamisa, sendo um rio de marés, expunha vastas extensões de bancos de lama quando a maré baixava. Para lá dos canaviais à beira da água, havia outeiros não muito elevados salpicados com tufo de espinheiros e árvores despojadas de folhas.

Ela abanou a cabeça e contraiu-se para o interior da gola de pele da sua capa quando Macro encolheu os ombros. Ele tinha sido dispensado do

exército havia quase dois anos. Tinham partido para a Britânia pouco tempo depois, mas haviam sido retardados em Massília durante vários meses quando Petronella adoecera. Assim que ela recuperara, Macro ficou ansioso por terminar a viagem o mais rapidamente possível, mesmo que isso significasse atravessar o mar no pino do inverno. Para além da generosa recompensa que tinha recebido do tesouro imperial como agradecimento dos seus muitos anos de serviço honroso, fora-lhe também concedido um lote de terreno na colónia militar de Camulodunum. Mais do que o suficiente para se instalar confortavelmente na reforma, refletiu ele com um sorriso.

— Oh, isto aqui não é assim tão mau — replicou ele.

— Não? — Ela fitou-o, erguendo o sobrolho. — Porque haveria Roma de querer transformar este... pântano numa província?

Macro riu-se, enrugando o rosto curtido e pondo em relevo o punhado de cicatrizes que tinha gravadas na pele. Passou-lhe um braço em volta dos ombros e puxou-a para si.

— Não estás a ver isto no seu melhor. Quando o verão vier, é bastante diferente. Há boas terras de cultivo, florestas enxameadas de caça. As rotas comerciais com o resto do Império estão a abrir caminho a toda a espécie de bem-estar e conforto das pessoas. — Deteve-se para indicar com um aceno da cabeça as fileiras de potes de vinho cuidadosamente acondicionados em tapetes de erva no porão. — Dá-lhe uns anos e a Britânia não será diferente de qualquer outra província. Vais ver. Não é verdade, Androcus?

O capitão estava de pé no pequeno convés elevado da proa, esquadrihando o rio diante de si. Voltou-se e assentiu.

— *Aye*. Todos os meses há mais navios a atravessar entre aqui e a Gália. Devia ver Londinium agora, menina. Cresceu desde que era um posto comercial, tornando-se uma cidade enorme no espaço de poucos anos. Um bocado rude e básica ainda, mas vai ser um belo sítio assim que as coisas assentem.

— Hmpf — murmurou Petronella, e volveu o olhar para a lúgubre extensão de lama e névoa que se estendia de ambos os lados.

Macro franziu o sobrolho e encheu lentamente o peito de ar, sentindo que qualquer coisa que pudesse dizer provavelmente não melhoraria as coisas. Era assim com as mulheres, pensou para si próprio. Se não se pudessem ler-lhes a mente e dizer o que elas queriam ouvir, era melhor não dizer nada. Contudo, o silêncio corria o risco de provocar a acusação de que os homens eram brutos insensíveis e cruéis, incapazes de apoiar as suas esposas. Acostumado como estava ao campo de batalha, intrigava-o que não houvesse

uma estratégia vencedora nestas questões. As mulheres tinham os seus homens completamente cercados, e a única coisa que restava era retirar para um canto e enfrentar o fim com belicoso estoicismo.

O capitão levantou os olhos para a faixa de nuvens que se aproximava de leste.

— Esperemos que aquilo não seja neve.

Macro seguiu a direção do seu olhar e assentiu. Estaria escuro dentro de cerca de uma hora, e não estava encantado com a perspectiva de passar mais uma noite gélida a bordo do navio.

— Então o que espera por si em Londinium? — perguntou Androcus. — Uma colocação numa das legiões, é?

Macro abanou a cabeça.

— A minha vida militar acabou. Eu e a mulher estamos cá para fazer algum dinheiro e viver uma reforma confortável. Eu possuo metade de uma estalagem. A minha mãe tem-na dirigido durante os últimos anos.

— Oh! Posso já ter ouvido falar dela.

— O Cão e a Corça é o nome do sítio. Tem uma boa localização, não muito longe do rio. O negócio tem sido animado, segundo as cartas dela.

— O Cão e a Corça... Não, não posso dizer que conheço. Mas também não passo muito tempo em Londinium. Apenas o suficiente para descarregar o que levo e receber o carregamento seguinte antes de navegar de volta à Gália. Costumo beber num sítio no cais.

— Se quiseres experimentar o meu sítio, a primeira bebida é por minha conta — ofereceu Macro amistosamente.

— Obrigado, centurião. — Androcus sorriu. — Posso muito bem aceitar essa proposta.

Um movimento no canal da margem mais próxima chamou a atenção dos dois homens. Pouco depois, uma garça assustada debateu-se no ar e afastou-se a voar sobre a água. Os dois trocaram um sorriso aliviado e voltaram para a sua vigília.

A temperatura baixou abruptamente no momento em que o crepúsculo deu lugar à noite. Androcus, com a ansiedade de poder encalhar na escuridão, ordenou à tripulação para enriçar a vela de modo a abrandar o navio. O *Golfinho* deslizou rio acima no meio da larga extensão do Tamisa. A sua progressão pareceu insuportavelmente lenta a Macro, e amaldiçoou Androcus por ser demasiadamente tímido para arriscar continuar de velas totalmente desfraldadas. Contudo, era o navio do outro e Macro não se atreveu a tentar

dizer ao capitão como fazer o seu trabalho. Além disso, precisava de se manter alerta em relação a qualquer sinal de perigo. Se a coisa chegasse a vias de facto, ele seria o único a bordo treinado para lidar com isso; não confiava que a tripulação fosse capaz de derrotar um bando de piratas do rio, acostumados a matar e saquear.

Petronella mantinha-se a seu lado, erguendo uma cavilha de amarração para perceber quanto pesava. Macro abraçou-a e puxou-a para si por um momento antes de lhe falar suavemente ao ouvido.

— Se acontecer alguma coisa e correr mal para nós, foge da maneira que puderes. Mesmo que isso signifique saltar sobre a amurada e nadar para salvar a vida. Quando chegares a terra, vai para o sítio da minha mãe. Ela tomará conta de ti.

Ficaram em silêncio e, tal como o capitão e a tripulação, continuaram vigilantes em relação a qualquer sinal do barco que tinha passado por eles havia menos de duas horas.

— Olhem, acolá — disse Macro, e apontou para a margem sul. Na obscuridade mal conseguia ver duas figuras que tinham emergido da vegetação enfezada e subido a um pequeno outeiro sobranceiro ao rio. Detiveram-se para olhar em direção ao *Golfinho* e depois desataram a correr para os arbustos no sopé do outeiro e desapareceram de vista.

— O que estão eles a fazer? — perguntou Androcus.

— A localizar-nos, imagino eu. Se houver alguma maneira de fazeres esta banheira andar mais depressa, seria boa ideia tratares disso já.

O capitão levantou a mão por um instante antes de responder.

— Quase não sopra uma brisa. É a maré que faz a maior parte do trabalho. E isso ajudará aqueles piratas se atacarem, uma vez que têm a embarcação mais leve.

O medo na sua voz era palpável, e Macro virou-se e agarrou-o pelos ombros enquanto lhe falava num tom baixo e feroz.

— Escuta, se isto der para o torto, a tua tripulação vai ver o que faz o seu capitão. És tu quem dá o exemplo no navio. Por isso, respira fundo e controla-te, Androcus. — Soltou-o do aperto e bateu-lhe levemente no braço. — Além disso, tens-me a mim, e eu já estive em mais batalhas do que a maioria. Estou mais do que à altura de qualquer salteador de barcaças. Mantém-te calmo e sair-nos-emos bem disto e chegaremos a Londinium a salvo. Estamos entendidos?

— S-sim. — O capitão aclarou a garganta. — Cumprirei a minha obrigação.

— Ótimo. — Macro soltou uma risada tranquilizadora. — Por agora, leva-nos rio acima o mais rapidamente que conseguireis.

Androcus aproximou-se da sua tripulação, que estava alinhada na amurada de frente para a margem sul a procurar algum outro sinal dos piratas, e ordenou-lhes em voz baixa que desapertassem os rizes para soltar a vela. Pouco depois, ouviu-se o farfalhar do couro e um ligeiro estouro quando a brisa enfunou a vela e água gorgolejou ao longo da linha de água. Esquadrinhando as margens de ambos os lados, Macro apercebeu-se de que agora o avanço era maior. Por cima, as nuvens carregadas rolavam vindas de leste, e por baixo delas uma maior escuridão indicava chuva, ou neve. Se a sorte estivesse do lado deles, o tempo tornaria mais difícil que os piratas os descobrissem na escuridão. Por outro lado, refletiu Macro, o mesmo tempo poderia ocultar a aproximação de uma embarcação inimiga até ao último momento. Com isso em mente, decidiu que seria melhor falar à tripulação enquanto ainda havia tempo para pensar claramente.

— Rapazes — falou apenas suficientemente alto para a tripulação o ouvir nitidamente —, quero dar-vos uma palavra. Aqueles piratas estarão a pensar que o *Golfinho* é apenas mais um navio de carga, com uma tripulação que eles podem esmagar facilmente. Vão contar com o nosso medo para enfraquecer qualquer resistência que possamos oferecer. Essa será a melhor arma deles contra nós. Por isso, precisamos de lhes mostrar que não temos medo. Se vierem para cima de nós, quero ouvir-vos a dar-lhes uma saudação tão sanguinária quanto possível. E não vamos ficar à espera de que saltem para bordo para lhes dar luta. Descubram alguma coisa para arremessar contra os cabrões assim que eles se aproximarem. Se eles tentarem saltar para bordo, defrontá-los-emos no gradeamento da amurada e damos-lhes na cabeça antes de conseguirem pôr um pé cá dentro. Se sentirem a tentação de fugir à luta, lembrem-se só de que não há nenhum sítio onde se esconderem. Por isso, ou os repelimos ou tombamos a lutar, hein?

Interrompeu-se momentaneamente e olhou para os vultos escuros que se erguiam diante dele. O grumete permaneceu na cana do leme. Macro recordou o que tinha aprendido acerca da tripulação durante a curta viagem desde a Gália. Além do capitão, havia o seu imediato, Hydrax, um homem corpulento e bem-humorado, que parecia ser um marinheiro competente. Tinha enfiado um machado no seu largo cinto de couro. A seu lado, perfilavam-se os outros dois marinheiros, Barco e Lemulus, os quais tinham sido amistosos no seu relacionamento com os dois passageiros. Barco armara-se com um robusto croque enquanto o seu companheiro segurava numa cavilha

de amarração. O capitão tinha a espada suplente de Macro e continuava com a mão pousada no pomo do punho. Foi então que Macro se deu conta de que não sabia o nome do grumete. O rapaz, que não tinha mais de doze ou treze anos, não articulara uma única palavra durante todo o tempo e os seus companheiros tinham-no tratado simplesmente como “rapaz” sempre que se lhe dirigiam.

— Rapaz — bradou-lhe Macro. — Que arma arranjaste?

A sombra à popa escondia-lhe a mão livre, junto ao corpo. Ouviu-se um raspar surdo e ele levantou o braço, pondo a descoberto a mal discernível forma de uma lâmina de adaga.

— Ótimo! — respondeu Macro. — Então sabemos todos o que temos de fazer.

— E a sua mulher? — perguntou Androcus.

— Eu vou fazê-los engolir os próprios tomates — arrulhou Petronella ameaçadoramente, e Macro ficou contente por ouvir os homens reagirem com uma gargalhada. Estavam tão prontos para a luta como qualquer bando de civis poderia estar, decidiu ele.

Alguma coisa lhe roçou a testa, e Macro, olhando para cima, viu pequenas formas que caíam a rodopiar da escuridão. Então era neve e não chuva. Os primeiros flocos diminutos em breve deram lugar a uns maiores, semelhantes a penas, que assentavam sobre o convés e as capas daqueles que estavam atentos ao perigo. Em poucos instantes, a madeira escura das superfícies expostas do *Golfinho* ficou coberta por uma fina camada de neve. Macro protegera os olhos, semicerrados para espiar através da água, piscando-os quando a nevasca soprou obliquamente sobre o seu rosto.

— Consegues ver alguma coisa? — perguntou Petronella.

— Não muito, mas eles também não.

A queda de neve tinha o efeito de abafar os sons em redor do navio. O redemoinho de flocos que surgia de todos os lados obliterava até o mais pequeno vestígio das margens para além da corrente escura do rio, pelo que a embarcação ficou como que cortada do mundo, sem qualquer noção de direção.

— Vamos ter de baixar a vela — disse Androcus. — Estamos a andar às cegas e eu não consigo ver mais de quinze metros adiante. Se encalharmos agora, perderemos o mastro, se não mesmo todo o navio e a respetiva carga se o casco tiver um rombo.

— Mantém o rumo — replicou Macro, firmemente. — Um pouco mais. Só até a nevasca abrandar.

— Quem diz que vai abrandar? É demasiado perigoso.

O capitão voltou-se para a tripulação e estava prestes a gritar uma ordem quando a tempestade de neve os ultrapassou. Conseguiram ver outra vez as margens do Tamisa, de ambos os lados. Mais por sorte do que por competência náutica, o *Golfinho* parecia estar quase exatamente no meio do rio; não havia qualquer perigo de encalhar como Androclus temera. À frente deles, a faixa negra da nevasca retrocedia rapidamente.

Então, saindo da neve, movendo-se de través em relação a eles, surgiu o contorno escuro do barco dos piratas. A sua tripulação esfalfava-se sobre os remos, instada pelo chefe a aproximarem-se da presa.

— **A**qui vêm eles! — gritou Macro, e a tripulação do navio de carga virou-se para olhar na direção para que ele apontava. Era já claro que não havia hipótese de escapar. O barco iria atravessar-se à proa.

Baixando o braço, Macro observou os outros em volta, cujos rostos eram visíveis graças ao ténue acúmulo de neve que cobria o convés e delineava a armação e o cordame com finas linhas brancas recortadas no céu noturno. Era agradável ver que Androcus e os seus homens já não pareciam tão aterradados. Exibiam uma expressão sombria e pareciam resignados a travar uma batalha que não poderiam evitar. A expressão de Petronella, por contraste, era terrível e letal. Tinha baixado ligeiramente a cabeça e os seus olhos negros coruscavam, ao mesmo tempo que mantinha os dentes cerrados.

— Esta é a minha senhora. — Macro sorriu. — Dá a estes cabrões uma surra que eles nunca irão esquecer.

Ela fungou, com desdém.

— Depois de termos acabado, não vão viver tempo suficiente para esquecer.

Macro assentiu e virou-se para trás para ver os piratas que se aproximavam. O barco tinha passado ligeiramente à frente, mas eles não fizeram qualquer tentativa de mudar o rumo em direção ao cargueiro.

— As hipóteses são quase iguais para os dois lados. — Ele falou calmamente para tranquilizar os marinheiros. — E eles terão de subir até à amurada para chegarem até nós. A vantagem é nossa. A única coisa que temos de fazer é controlar os nervos e impedir que saltem para bordo. Assim que tivermos matado ou ferido alguns deles, vão perder o ânimo e fugir. Estão comigo, rapazes?

Androcus e a sua tripulação assentiram com alguma hesitação.

Macro empinou a espada, perfurando o ar.

— Então vamos dar-lhes alguma coisa de que ter medo.

Escancarou a boca, encheu o peito de ar, depois rugiu:

— Pelo *Golfinho*!

Longe de entusiasmar os tripulantes, viu-os encolher-se um pouco, e cerrou o punho livre e gesticulou em direção a eles.

— Vamos lá, quero ouvir-vos! *Golfinho! Golfinho!*

Os outros juntaram-se, de forma hesitante a princípio, mas depois, à medida que a sua determinação ganhava corpo, cada vez mais alto, brandindo as suas armas aos piratas. Os homens no barco voltaram-se para olhar sobre a água até o líder gritar aos remadores, e eles continuaram a impelir a embarcação para diante, à frente do navio de carga.

Macro chegou-se mais à proa para manter o barco à vista.

— Vão voltar-se para nós a qualquer momento.

Enquanto ele olhava, o barco pôs-se mesmo à frente do cargueiro e abrandou para acompanhar o seu ritmo.

— Do que estão eles à espera? — perguntou Androcus.

Macro semicerrou os olhos e olhou para a frente por um momento e só depois respondeu.

— Não sei. A menos que...

Subiu para a pequena plataforma no ângulo formado pela proa e agarrou-se à cobertura ao mesmo tempo que olhava em redor, pondo-se à escuta de quaisquer outros ruídos que não o suave ranger da mastreação e o sibilar abafado dos remos do barco da frente. Depois ouviu um grito vindo da escuridão à sua esquerda, e voltou-se para a margem sul quando uma voz no barco dos piratas gritou em resposta. Sentiu um aperto gelado estrangular-lhe o estômago. O plano dos piratas era óbvio. O primeiro barco esperaria até que o novo interveniente estivesse em posição, e depois atacariam o cargueiro dos dois lados. Macro tinha contado estar à cabeça da luta, mas agora teria de dividir a sua minúscula força e pôr Androcus ao comando de metade dela. Não estava convencido de que o capitão do navio tivesse ânimo para uma luta assim.

— Escuta, Androcus — começou ele a dizer, calmamente. — Quero que pegues em dois dos teus homens e defendas o bombordo. Hydrax pode lutar juntamente comigo e a minha mulher.

— E o rapaz?

Macro olhou para a figura esguia que segurava a cana do leme.

— Diz-lhe para ficar onde está e manter o rumo do navio. Não adiantará muito numa luta. Pelo menos não o bastante para fazer a diferença. Mas empresta-lhe também uma faca, seja como for.

— Se o diz — replicou Androcus, com relutância.

Macro prendeu-lhe o braço.

— Lembra-te, esta é uma luta de morte. Ou nós os repelimos ou eles nos matam a todos. Não há mais nenhuma saída possível. Eles não pouparão quaisquer testemunhas da sua pirataria.

O capitão assentiu. Macro soltou-o e o homem encaminhou-se para a popa.

— Achas que podes confiar nele? — perguntou Petronella em voz baixa.

— Que alternativa temos? — Macro forçou-se a sorrir. — Estás pronta?

— Hmpf.

Os dois grupos deslocaram-se para ambos os lados do navio e aprontaram-se ao ver o segundo barco irromper através da corrente. Houve uma breve troca de brados e depois ambas as embarcações se viraram na direção do *Golfinho* e avançaram sobre ele, aproximando-se rapidamente e dirigindo-se cada uma delas a um dos bordos opostos do navio de carga. Macro desembainhou a espada e experimentou manejá-la no ar glacial para se assegurar da maleabilidade dos dedos e ter a certeza de que poderia confiar neles para agarrar o punho com toda a firmeza.

Quando o primeiro barco chegou mais perto, viu uma figura erguer-se entre os remadores e fazer pontaria com um arco. Um instante depois, uma flecha silvou por cima deles e Hydrax encolheu-se e baixou a cabeça. Houve apenas tempo para os piratas tentarem um segundo lançamento; desta vez a ponta de ferro enterrou-se na madeira por baixo de Macro, estilhaçando-a com um estalo agudo. Depois o barco desviou-se da proa e deslizou para o lado. A forma escura de um gancho de abordagem descreveu um arco sobre a grade da amurada, atingiu o convés e o cabo foi instantaneamente puxado com força para que as pontas se alojassem na estrutura de madeira e prendessem o barco ao navio.

Macro levantou a espada e tentou quebrar o estreito cabo esticado sobre a amurada, mas no último momento ela deslizou na sua direção e a lâmina cravou-se na madeira. Soltou-a quando o primeiro pirata foi içado por dois dos seus camaradas, elevando-se e passando por cima da amurada de modo a aterrar no convés. Era leve e ágil e não cambaleou ao preparar um pequeno machado numa mão e uma adaga na outra. Ouviu-se um baque do outro lado do navio quando o segundo barco se encostou, e os piratas soltaram uma vigorosa exclamação de júbilo, mas Macro não teve qualquer hipótese de se voltar para ver antes de atacar o primeiro inimigo a abordar o *Golfinho*. O pirata agachou-se para dar balanço ao machado, mas Macro investiu poderosamente antes de o homem poder atacar, bloqueando facilmente a adaga

e depois fazendo chocar o ombro contra o queixo do pirata que, de tão leve, voou para trás e estatelou-se com força sobre o convés. Macro estava sobre ele antes de poder recobrar o fôlego, e introduziu a sua espada curta na garganta do oponente, fazendo-a rodar para um lado e para o outro antes de soltar a ponta com um puxão e recuar para enfrentar o pirata seguinte.

Um segundo homem saltou sobre a balastrada entre Macro e Petronella, enquanto um terceiro trepava um pouco mais para além de Hydrax. Macro deu meia-volta, mas antes de conseguir mover-se, uns dedos fecharam-se em volta do seu tornozelo. O pirata que ele derrubara esgatanhava o convés, gorgolejando horrivelmente ao mesmo tempo que o sangue lhe saía aos borbotões da ferida, salpicando de negro as tábuas cobertas de neve. Largara o machado, mas tinha ainda a adaga na outra mão, e agora usava-a para golpear a barriga da perna de Macro. O golpe saiu-lhe alto e a ponta da adaga irrompeu através da bainha das calças curtas de Macro, fazendo-lhe uma ferida superficial. Macro balançou a sua outra bota sobre a cabeça do homem, dando-lhe um forte pontapé. Foram precisas duas tentativas para o pirata ferido o soltar, libertando-o para ajudar Petronella. Ela estava bloqueada pelo aperto de um homem mais baixo e rosnavava enquanto desferia repetidamente a cavilha de amarração contra a sua nuca. Enquanto Macro olhava, ela bateu com a cabeça no nariz do inimigo e depois mordeu-lhe a bochecha. O pirata, em choque, soltou um grito de dor e pretendeu atingi-la com o punho com que agarrava um machado.

— Na maldita da minha esposa, não! — gritou Macro. Agarrou-lhe o pulso e torceu-o violentamente até a ponta do machado bater nas costas do pirata, fazendo-o expelir o ar dos pulmões num sonoro arquejo. De seguida impeliu a espada obliquamente na parte lateral do corpo do homem antes de o arremessar contra a balastrada, onde Petronella lhe deu um violento empurrão, fazendo-o tombar no rio com um chape.

Não houve tempo para partilhar um breve momento de triunfo. Macro viu que Hydrax fora obrigado a ajoelhar-se por um golpe de uma maça cravejada de puas. Ao mesmo tempo, o pirata pressentiu o perigo por trás de si e olhou por cima do ombro no preciso momento em que Macro passava rente a Petronella e carregava sobre ele. Rodopiando, o pirata oscilou a maça, desviando a espada que Macro erguera para aparar o golpe. Arrebatada dos seus dedos dormentes, retiniu contra o convés a vários metros de distância. O pirata entreabriu os lábios num esgar triunfante e tomou posição para atacar novamente, mas a sua expressão contorceu-se agonicamente quando a cavilha de Hydrax lhe atingiu lateralmente o joelho com um estalo de ossos

a quebrar-se. Quando começou a tombar para um lado, Macro saltou na sua direção e aplicou-lhe um potente gancho no maxilar. A cabeça do pirata foi sacudida para trás antes de desabar molemente em cima de Hydrax.

— Macro! Socorro!

Macro olhou em redor e viu um outro atacante a torcer os cabelos de Petronella por trás, arrastando-a para si. Ela tentava libertar-se, mas não conseguia suplantar a força do aperto. Macro agarrou na maçã e rodeou a esposa, desferindo um golpe rápido no cotovelo do homem. Foi o suficiente para o fazer soltá-la. Ela virou-se de imediato a ele, apertando-lhe o pescoço com ambas as mãos, guinchando de raiva. O pirata arranhava-lhe as mãos enquanto se debatia para manter o equilíbrio. Ela lançou-o com força contra a o gradeamento da balaustrada, depois levou a mão direita atrás, fechando-a bem, e esmurrou-o no nariz. Ao mesmo tempo, soltando-lhe o pescoço, deu-lhe um valente empurrão na omoplata que o fez tombar sobre a amurada, indo parar dentro do barco dos piratas, onde ficou estendido a gemer.

Os três piratas, que ainda aguardavam o momento de subirem a bordo, levantaram cautelosamente os olhos, sopesando as suas hipóteses. Vendo a sua hesitação, Macro largou a maçã e apanhou o machado do primeiro atacante que tinha derrubado, desferindo depois a lâmina na corda retesada sobre a amurada do navio. Partiu-se ao terceiro golpe, e o barco afastou-se a balançar, deslizando para trás do *Golfinho*.

Ofegante, voltou-se para observar o ponto do convés onde Androcus e um dos seus homens lutavam com os atacantes do segundo barco. O outro homem jazia imóvel sobre o convés. O capitão encostara-se ao mastro enquanto afastava dois piratas armados de espadas. Quando Macro começou a atravessar o convés para ir ajudá-los, viu um dos atacantes fazer uma simulação. Androcus deu meia-volta para se defender, e de imediato o outro assaltante avançou e, com uma estocada, introduziu-lhe a espada no corpo. Androcus dobrou-se sobre si e caiu de joelhos, largando a sua própria espada no convés coberto de neve, enquanto os piratas se acercavam para acabar com ele.

Macro ergueu o machado e arremessou-o ao pirata que estava mais perto. O gume atingiu-o entre as omoplatas. Apesar de uma parte do impacto ter sido absorvida pela capa, o golpe deixou-o sem fôlego e ele soltou um gemido profundo enquanto cambaleava para diante, atravessando-se no caminho do seu companheiro. Macro curvou-se para pegar na espada do capitão, depois deu um violento empurrão no fundo das costas do pirata de forma a garantir que ele chocava com o outro intruso. Seguindo-o, desferiu a espada contra a cabeça descoberta do pirata, e o crânio cedeu com um estalido

suave e húmido. O homem agitou os braços espasmodicamente, tremendo violentamente ao afundar-se sobre os joelhos. Macro empurrou-o para o lado e enfrentou o segundo pirata, que retrocedera um metro enquanto olhava cautelosamente para o centurião.

— Qual é o problema? — resmungou Macro. — Não gostas de lutar de igual para igual, pois não?

Subitamente, a noite iluminou-se como se um relâmpago tivesse atingido o navio, e uma névoa branca e brilhante pareceu encher-lhe os olhos. Ouviu Petronella gritar o seu nome e depois alguma coisa colidiu com o seu corpo, deixando-o estatelado. Quando a luz desapareceu, sentiu o frio da neve contra um lado da cara e deu-se conta de que não conseguia respirar. Viu vultos escuros na diagonal, e depois um outro vulto, mais pequeno, saltou para o seu desfocado campo de visão. Ouviu metal a retinir, grunhidos e depois um corpo caiu-lhe sobre as pernas. Sentiu um bafo quente no braço, entrecortado enquanto por instantes o homem lutava para respirar, depois este contraiu-se e ficou imóvel.

— Macro...

A sua cabeça foi virada e soerguida entre duas mãos, e viu Petronella assomar sobre ele, a custo visível contra as frias estrelas que cintilavam num céu agora limpo de nuvens. Respirar era doloroso e a única coisa que ele conseguiu dizer foi num sussurro rouco:

— Acaba com eles...

Por trás dela, ele conseguiu distinguir duas figuras: um homem no convés, de braços levantados para proteger a cabeça, e uma figura mais pequena que brandia um machado com o qual ameaçava golpear o corpo do oponente. Ainda com a cabeça de Macro apoiada numa das mãos, Petronella olhou em volta, de maça erguida e pronta para atacar, e depois pousou-a ao lado dele.

— Acabou. Eles desistiram.

Ele sentia-se atordoado e lutou para dar um sentido à situação à sua volta. Foi tomado de náuseas e reprimiu o impulso para vomitar.

— Deixa-me ajudar-te a pores-te de pé — disse Petronella. Arrastou o corpo de Macro para o estender, depois agarrou no marido debaixo dos braços, praguejando entre dentes enquanto o içava e firmava sobre os pés. Macro agarrou-se à balastrada da amurada, olhou por cima dela para o rio e viu os dois barcos a dirigirem-se para a margem sul, movidos pelos piratas sobreviventes. Depois voltou-se para examinar o convés.

Hydrax estava sentado na borda da plataforma do timoneiro com a cabeça entre as mãos. Barco jazia imóvel com o crânio quase dividido em

dois por um golpe de machado. Lemulus erguia-se sobre o corpo do pirata que tinha matado. Androclus pendia, encostado ao mastro, apertando a mão sobre o ferimento, a arfar. O rapaz estava acorocado contra a balaustrada, balançando-se lentamente para a frente e para trás enquanto agarrava com a mão direita um corte no outro braço. Havia cinco piratas no convés, dois deles ainda a mexer-se debilmente ao mesmo tempo que gemiam. Os outros jaziam imóveis. Foi então que Macro se recordou da figura frágil que voara para cima do pirata que estivera prestes a acabar com ele. Aclarou a garganta e inclinou-se para afagar o ombro do rapaz.

— Obrigado, meu jovem amigo. Fico em dívida para contigo.

O rapaz levantou os olhos, sorrindo timidamente, depois fez uma careta e olhou para o braço.

— Deixa-me lá ver isso — disse Macro. Afastou a mão do rapaz, e de imediato o sangue lhe escorreu pelo braço, pingando sobre a neve revolvida no convés. A ferida tinha cerca de quinze centímetro de comprimento, mas parecia ser superficial. Macro voltou a colocar a mão do rapaz na posição inicial. — Mantém-na aí. Aposto que essa ferida arde como o diabo, hein? Mas vai sarar. Acredita em mim.

Petronella tirara a capa do corpo de um dos piratas e usava uma adaga para a cortar em tiras de modo a obter ligaduras improvisadas. Aplicou uma delas no braço do rapaz antes de avançar para Androclus.

— É melhor deixares-me olhar para isso. Tira o cinto e levanta a túnica.

Quando ele hesitou, ela deu um estalido com a língua.

— Guarda o pudor para outra, capitão. Eu já vi tudo o que há para ver.

Androclus fez o que ela lhe mandara, e Petronella inclinou-se para examinar a ferida de mais perto. A ponta da espada do pirata tinha atravessado a carne mesmo abaixo da caixa torácica e perfurado a pele do outro lado.

— Feio — murmurou ela.

— Vou morrer?

— Todos morremos, um dia. Mas não creio que esse dia tenha chegado para ti. A menos que a ferida piore. Deixa-me pôr-lhe uma ligadura para parar a hemorragia. Quando chegarmos a Londinium, podes ser tratado como deve ser por um dos enfermeiros da guarnição. Por agora, segura-te bem.

Dobrou um pedaço de lã de modo a obter um chumaço e comprimiu-o sobre a ferida de entrada. O capitão cerrou os dentes e silvou.

— Mantém isso no lugar — ordenou ela, depois cortou uma larga tira da capa e atou-a sobre a compressa. Quanto terminou, o capitão deixou a túnica baixar e Petronella avançou para observar Hydrax.

— Tem aqui uma mulher e peras, centurião — disse Androcus com admiração. — Luta como um demônio e sabe como tratar de ferimentos. Não tem mais como ela em sua casa?

— Nem pensar. Como ela, só há uma num milhão, e esta é toda minha. — Macro esboçou um breve sorriso, depois indicou o grumete. — Como é que o rapaz se chama?

— Não tem nome. Encontrei-o a morrer de fome no cais, em Gesoriaco, e trouxe-o comigo. Desde o princípio que não queria falar, depois descobri porquê. Alguém lhe cortou a língua. Se lhe afastar o cabelo da orelha, verá que foi cortada. Era um escravo. Pode ter fugido ou pode ter sido abandonado pelo dono. Ele não consegue dizer, é claro. Assim que o alimentei, ficou capaz de fazer trabalhos ligeiros no navio e de tomar conta do leme quando o navio está em águas calmas. Não serve para muito mais do que isso.

— Bem, salvou-me a vida.

— Pois, bem vi. Nunca teria suposto que ele tinha essa genica — refletiu Androcus. — Valente rapaz.

Uma mudança de direção da brisa fez a vela ondular e Androcus deu dois passos em direção ao local do leme, mas depois encolheu-se com um gemido, apertando o ferimento com uma mão.

— Senta-te — ordenou Macro, depois virou-se para o imediato do navio. — Hydrax, assume o comando. Põe-nos novamente a caminho antes que aqueles piratas recuperem a coragem suficiente para tentarem atacar-nos outra vez.

Hydrax voltou-se para o seu capitão, que grunhiu uma confirmação antes de tombar sobre o convés, inclinando a cabeça ao mesmo tempo que combatia uma nova onda de dor. O seu subordinado virou-se para o grumete.

— Rapaz, estás capaz de tomar conta do leme?

O rapaz levantou a cabeça e assentiu, depois pôs-se de pé e dirigiu-se para a popa, imobilizando o braço ferido junto ao peito. Pegou na cana do leme com a outra mão e ficou pronto. Lemulus continuava atordoado pela recente violência e teve de ser sacudido rudemente por Hydrax para recuperar a consciência, agarrando-se às escotas que controlavam o ângulo da vela.

— Há alguma coisa que eu possa fazer? — perguntou Macro.

— É melhor que você e a sua senhora fiquem fora do caminho. Não é altura de ensinar a gente de terra como fazer trabalho de marinheiro. — Hydrax interrompeu-se e baixou a cabeça como quem pede desculpa. — O que eu quero dizer é que já fez bastante. Se não fosse o senhor, já tínhamos ido.

— É justo. — Macro soltou uma risada bem-humorada.

Acompanhou Petronella até à popa e deixou que ela lhe ligasse o ferimento na perna. Quando ela terminou, ergueu-se e observou-o à ténue luz das estrelas.

— E a tua cabeça?

— Levou apenas uma leve pancada, nada mais.

— A mim, pareceu-me mais do que uma leve pancada. Deixa-me ver.

Antes que ele pudesse responder, ela levantou a mão e tateou carinhosamente o seu couro cabeludo, parando quando encalhou numa porção de cabelo enredado e sentiu sangue escorrer-lhe por entre os dedos.

Macro encolheu-se.

— Vai com calma. Estás a tratar uma ferida, não a massajar um pedaço de presunto.

— Pobre bebé — respondeu ela em tom de troça. Cortou outra tira de pano para lha atar em volta da cabeça. — Aí está. Isto vai pelo menos ajudar a estancar o sangue. Verei isso melhor quando houver luz suficiente.

Ela espiou a escuridão, semicerrando os olhos para distinguir o que podia na margem do rio, antes de falar, suavemente.

— Achas que eles vão voltar?

— Duvido. Nós demos-lhes mais luta do que aquilo a que estão habituados. Muito provavelmente, vão recolher-se para lamber as feridas e chorar os mortos e no futuro escolherão presas mais fáceis. Por falar em mortos...

Macro recuperou a sua espada e cortou a garganta aos dois piratas feridos, depois virou os seus corpos sobre a amurada juntamente com os que já estavam mortos. Espadanaram na água e provocaram uma breve agitação na superfície do rio, deslizando depois para além da popa e desaparecendo de vista. Esfregando as mãos na tentativa de voltar a aquecer os dedos dormentes, Macro manteve-se atento à água em volta do navio enquanto o *Golfinho* deslizava Tamisa acima em direção a Londinium.

Cerca de uma hora depois, uma outra faixa de nuvens veio de leste e em breve um novo nevão cobriu as manchas de sangue e outros sinais da luta desesperada. Misericordiosamente, o corpo de Barco, com a cabeça destroçada, jazia agora sob um imaculado manto de neve.

Quando o primeiro alvor da manhã se filtrou sobre a paisagem invernal, houve luz suficiente para navegar mais facilmente. Não havia qualquer sinal dos piratas, e já eram visíveis mais umas quantas embarcações comerciais a transitarem em ambos os sentidos do rio.

— Lá se vai a reforma tranquila — murmurou Macro para si próprio.